

ASSUNTO: atuação dos parlamentares na  
Assembleia.DISCURSO PRONUNCIADO NA 164.a  
SESSÃO ORDINARIA DO DIA 2-9-65

O SR. SALGOT CASTILLON — Sr. Presidente e Srs. deputados, há pouco, no exercício eventual da Presidência, tive oportunidade de agradecer a delegação de Osasco, que nos procura pedindo ajuda. Disse então, que a visita merecia ter o agradecimento da Assembléia Legislativa, porque representava que eles confiavam na Casa do povo. E é muito importante, para a Assembléia Legislativa de São Paulo, e também para todos os parlamentares do país, que o povo confie neles, confie em seus representantes.

A democracia, repito, somente sobreviverá se transformar-se num poder armado. E quais as armas que a democracia pode ter? Essas armas são a simpatia, a confiança, a admiração e, principalmente, o respeito ao poder que caracteriza a democracia. Isso em qualquer país onde haja o Poder Legislativo.

Essa confiança, essa admiração, essa simpatia, esse respeito não se impõem, não se compram. Não serão verbas de publicidade que farão o povo acreditar no Poder Legislativo. Não serão verbas pessoais que farão o povo sentir a presença do Poder Legislativo nos negócios públicos.

O que fará o povo acreditar na democracia, caracterizada pelo Poder Legislativo, será a atuação dos deputados que compõem esses poder, os deputados que mere-

ceram o voto do povo, que nele confiou, nas vésperas das eleições.

Nós que temos que nos armar. E a nossa arma é o povo e o dia em que o povo aqui comparecer, não simplesmente professores e professoras, procurando, muito justamente o atendimento de suas reivindicações, não somente os funcionários do Estado e de prefeituras injustiçadas, mas o povo em geral, o povinho de Deus, que sofre, que se aflige, que se angustia, e que não sente os deputados que elegeram, ligados a suas reivindicações, problemas, angústias e tristezas, as coisas serão diferentes.

E quando aqui comparece assiste a esse espetáculo melancólico do Plenário vazio, do desinteresse total dos seus representantes; pelas proposições que estão sendo discutidas e votadas, quando não assiste horrorizado o que assistimos ontem: deputados tentando se agredir e querendo negar a um representante do povo o direito de usar a tribuna da democracia, os microfones do Plenário.

Precisamos armar a democracia, e as armas não estão nos quartéis; não são as Forças Armadas que sustentarão o regime de liberdade neste país, porque as Forças Armadas, em geral, só saem às ruas depois que o povo as convoca e lhes ensina o caminho. E onde está o povo para ensinar as Forças Armadas a defender esta Casa, que primeiro precisa aprender a se respeitar?

Com dor e com tristeza digo que tenho amigos que por mim, em minha defesa, dariam a própria vida, e acredito que todos os deputados tenham amigos assim dispostos. Mas, pergunto: algum desses nossos amigos que por nós, individualmente, tem disposição até de entregar a própria vida, atenderia ao nosso apelo para que viesse às portas da Assembléia em defesa dos deputados coletivamente, em defesa dos representantes do Poder Legislativo de São Paulo, aos representantes da democracia no Estado de São Paulo? Alguém viria? Pergunto. Ninguém!

Estamos completamente desacreditados. (Muito bem!) e precisamos tomar medidas urgentes para que a Assembléia Legislativa readquirir a confiança, que não tem mais, do povo, porque se isto não acontecer não viveremos com o Poder Legislativo por muito mais tempo.

O Sr. José Lurtz Sabiá (Com assentimento do orador) — Nobre deputado Saleot Castillon, eu tive a oportunidade de ler a Encíclica "Rerum Novarum", de Leão 13. Lembro-me de uma passagem curiosa, em que ele afirmava categoricamente: "No dia em que os operários não vierem à igreja, a Igreja irá aos operários". Então, eu faço das palavras de Leão 13 as palavras de V. Exa. Os operários não virão à Assembléia, porque não confiam nela; mas nós, deputados, teremos de ir aos operários. Devemos ir ao povo com uma mensagem autêntica e pura, corrigindo cada uma das nossas falhas, em favor do parlamento e da própria democracia. Não é com atos desprimorosos, como os que temos assistido neste plenário, que nós poderemos ganhar a confiança. Pode um deputado isoladamente ganhar simpatia pessoal. Mas isso não interessa à democracia nem ao Poder Legislativo. São casos isolados. Podem eles se beneficiar de publicidade. Vamos citar, particularmente, o nosso caso. Posso ser um homem, hoje, admirado pela opinião pública de São Paulo. Mas não importa a admiração isolada. O que importa, o que interessa é o fortalecimento do próprio parlamento, para que assim, através do parlamento fortalecido, tenhamos uma democracia perfeita. Isso, não adianta um caso isolado no parlamento. Interessa o parlamento inteiro. Como? Corrigindo as falhas, não se manifestando jamais contrariamente ao interesse coletivo, tomando medidas autênticas. Temos de tomar medidas em consonância com o desejo da maioria, porque o parlamento exista em função dos interesses da maioria e não em função dos interesses da pequena minoria, como está ocorrendo. Se o parlamento zelar pelos interesses da minoria, estará distante da maioria. Não será um parlamento autêntico. Então, é a hora de voltarmos à citação de Leão 13: "No dia em que os operários não vierem à igreja, a Igreja irá aos operários". E V. Exa., com o pronunciamento que faz neste instante, faz uma advertência ao parlamento, cumprindo os ditames traçados pela "Rerum Novarum", de Leão 13.

O SR. SALGOT CASTILLON — Uma advertência e um apelo. Temos tudo para bem funcionar. Nesta Casa há homens excelentes, homens dedicados integralmente ao povo, homens que deixaram os seus interesses particulares para aqui bem servir o Estado de São Paulo, que deixaram as suas clínicas médicas, os seus escritórios de engenharia, as suas bancas de advogado, as suas lavouras, os seus afazeres profissionais e particulares, pensando no povo, querendo servir o povo. Por que não unimos essa vontade que é, particularmente de todos, para transformá-la numa vontade coletiva, que sacuda o parlamento, que faça o povo sentir, que faça o povo ouvir o nome do deputado que faça o povo ouvir o nome do deputado com respeito? Porque a verdade meus amigos, é esta: em Piracicaba, quando me chamam de deputado, isso não significa nada, mam de deputado, isso não significa nada, nem de bem, nem de mal. Porque o deputado Salgot Castillon é conhecido. Os seus amigos, por mais que os adversários lhe digam que é um diabo, vão continuar a considerá-lo um anjo.

E os seus adversários mesmo que lhe canonicizem continuarão a lhe considerar um Lúcifer. Ainda mais: aqui, na Capital, quando num lugar público

acôrdo com o requerimento queiram conservar-se com estào. (Pausa). Aprovado o requerimento. Prorrogada a sessão por 15 minutos.

Continua com a palavra o nobre deputado Salgot Castillon.

O SR. SALGOT CASTILLON — Como dizia, Srs. deputados, aqui na Capital, onde não sou conhecido, num lugar público, quando encontro um amigo que me chama "Deputado"! sinto que em volta de mim pessoas presentes me olham estranhamente como dizendo: será que esse é um dos tais que fazem as tais barbaridades, ditas e comentadas na Assembléa? Tenho vergonha, meus amigos, meus colegas.

O Sr. Walter Auada (Com assentimento do orador) — Nobre deputado Salgot Castillon, exatamente neste momento nos congratulamos com V. Exa., agora, quando todos os presentes acabaram de ouvir as palavras do causador disto tudo que está aqui; desse deputado que ainda ontem provocou manchetes nos jornais contra o Legislativo, desse deputado que fala em "Rerum novarum", "Quadragesimo anno", "Mater et Magistra", como é de seu costume, mas faz questão sempre, a todo dia, a toda hora, de atirar pedras contra seus companheiros, enfim, desse deputado que costuma cuspir no prato em que come.

O SR. SALGOT CASTILLON — Há um desajuste, como disse. A Assembléa é constituída por deputados que pessoalmente pensam em ajudar o povo, mas, coletivamente não se ajustam, e não se ajustando, a Assembléa fica isto que aí está: deputado sentado na sua cadeira; às vezes chega-lhe aos ouvidos que um projeto está sendo negociado. E o deputado se assusta, porque aqui têm assento representantes do generoso, do valoroso, do grande povo paulista, e não pode, este povo, ter mandado representantes para negociar projetos. E outros deputados ouvem a mesma coisa. E a confusão torna-se geral: a imprensa toma conhecimento, as emissoras de rádio acusam, e os deputados, como tatus, se escondem na toca e não saem em defesa da Assembléa. Por quê? A Assembléa não pode ser defendida? Não acredito nisto, Sr. Presidente. A Assembléa pode e deve ser defendida. Temos por obrigação defendê-la, cada um por si, cumprindo com o seu dever, agindo como verdadeiro representante do povo de São Paulo, fazendo-se respeitar; mesmo o egoísta, que só pensa em si, porque a melhor forma de respeitar a Assembléa, em seu todo, é cada um se fazer respeitar. (Muito bem!) Providências são necessárias. Sr. Presidente, não só da parte da Mesa, mas principalmente de cada um de nós. Precisamos fazer um exame da consciência, uma autocrítica, e procurar cada deputado agir direito para que esta Assembléa se ajuste.

O Sr. Batista Botelho — V. Exa. permite um aparte? (Assentimento do orador) — E' apenas para discordar do illustre deputado Walter Auada. Sem querer fazer defesa de ninguém, discordo completamente de que deputados quiseram ou querem jogar lama na Assembléa. Não sei se algum deputado desta Casa falou a respeito do problema tão falado: o do leite. Não ouvi dizer que éie foi comentado em televisão ou em programa de rádio por deputados desta Casa. E outros fatos que abatem o prestígio da Assembléa são também cometidos por nós, deputados. Inúmeras são as irregularidades. Aí está o projeto de resolução publicado hoje. Aí está o desmando do funcionalismo da Assembléa. Não foi o deputado Lurtz Sabiá nem o deputado Amaral Gurgel quem provocou desmando no funcionalismo da Assembléa. Não são S. Exas. culpados de haver funcionários com nove anos de casa, mas que não comparecem. Ou melhor, só comparecem quando é para receber os seus vencimentos. Não são S. Exas. os culpados se funcionários vêm de Karman Ghia assinar o ponto e saem em seguida. E nem sei se voltam à Assembléa... E' isto o que denigre o parlamento. S. Exas. os nobres deputados Arruda Castanho, Salgot Castillon, Lurtz Sabiá, e alguns outros estão ensinando o caminho certo do reerguimento do parlamento.

O Sr. Arruda Castanho — V. Exa. permite um aparte? (Assentimento do orador) — Nobre deputado Salgot Castillon, outro dia ocupei a tribuna para falar sobre assunto parecido. Sabe V. Exa. que durante vários anos fazendo política, nós sofremos um processo semelhante ao processo de semântica na língua, que transforma as palavras e faz com que elas percam o seu antigo valor simbólico. Nós também, na vida política, passamos por uma espécie de processo de semântica. O que somos hoje não simboliza mais o que éramos ontem. V. Exa. não vê, no deputado Arruda Castanho, com 47 anos, o jovem vereador que entrou para a Câmara Municipal de São Paulo, com aqueles ímpetos, com aquela compulsão de pureza infantil. Na luta política nós nos desgastamos e fizemos concessões. E erramos reiteradas vezes. Isso é assim para todos aqueles que têm uma vida política longa, como é o meu caso, pois tenho uma vida política de 16 anos. Mas isso não nos autoriza, Sr. Presidente, a que não procuremos corrigir os nossos erros. Há uma época em que fazemos uma revisão política em nossa vida, uma autocrítica. Aí percebemos que se não formos duros, impiedosos, maus às vezes, e se não formos independentes dos nossos afetos e amizades pessoais, enveredaremos por um caminho errado. E é preciso que todos nós, então, num desses momentos de reflexão, procuremos corrigir o que está errado e não voltemos a incidir nos mesmos erros cometidos no passado. Acho justo que os Srs. deputados procurem aprimorar, enquanto é possível, a sua vida parlamentar, a sua vida política. E acho justo que os Srs. deputados procurem não incorrer em novos erros. Podemos ter mudado muito, mas não mudamos tanto ao ponto de impedir que façamos uma renovação na nossa vida política. Tênhamos o nosso encontro conosco novamente e voltemos às nossas origens, nobre deputado, para recomeçarmos uma vida política completamente independente, sem as injunções de afeição, sem as injunções de políti-

cos, sem as injunções dos parentes, abandonando o nepotismo, o compadrismo, e tudo aquilo que atrapalha a vida do político e tira dele a sua attivez, a sua independência. E' preciso ter coragem para encarar essa modificação como um processo de semântica. E que aqueles que hoje não simbolizam o que simbolizavam antes, venham com a maior humildade procurar reformar e reformular a sua attitude e dar oportunidade para elevar o bom nome do parlamento.

O Sr. Orlando Jurca — V. Exa. permite um aparte?

O SR. SALGOT CASTILLON — Torno minhas as palavras do nobre dep. César de Arruda Castanho. Eu também errei. Todos nós temos errado. Mas está na hora de, se quisermos salvar a democracia, errarmos menos.

Há um movimento que não mais está somente nos porões da política nacional, mas que se vai tornando público, para que o país sofra uma reforma institucional, na qual os parlamentares não sobreviverão.

O Sr. Orlando Jurca — V. Exa. me permite um aparte?

O SR. SALGOT CASTILLON — Para que esse movimento não atinja o povo, que afinal dirá a última palavra, há necessidade de que os parlamentos se armem; que façam o seu rearmamento moral, rearmamento que nós temos condições de fazer nesta Casa e em todos os parlamentos do país. Um parlamento armado moralmente nunca será fechado por ninguém, muito menos pelas forças militares! Está dentro de nós...

O Sr. Orlando Jurca — V. Exa. permite um aparte? (Assentimento do orador) — Nobre deputado, estou prestando atenção, no máximo da minha intelligência, que é modesta. (Não apoiados!) ao valeroso discurso de V. Exa. Respeito a convicção e os pronunciamentos de V. Exa. Sei que V. Exa. é um homem sincero, autêntico. E devemos, sobremaneira, respeitar os homens sinceros, os homens autênticos. Posso discordar da linha política de V. Exa., da orientação do partido a que pertence, mas jamais poderei deixar de respeitar a sua sinceridade e o seu comportamento humano como político e como homem de bem.

O SR. SALGOT CASTILLON — Obrigado a V. Exa.

O Sr. Orlando Jurca — No entanto, entendendo que no âmago do seu discurso, V. Exa. também incide no grande erro em que vem incidindo a maioria desta Casa. Ao invés de focalizar, neste instante, os grandes temas nacionais, esta Casa, pela maioria de seus membros, parece que tem se deixado levar por um determinismo, por uma força quase sub-repticia, mas muito poderosa, enquanto que nesta Casa parece que só se discutem dois temas: Sabiá e Gurgel. Sabiá e Gurgel. E' todo o tempo Sabiá e Gurgel. Está nas manchetes dos jornais. Não há um dia em que não se discuta aqui o comportamento do nobre deputado Sabiá e do nobre deputado Gurgel. Como se o comportamento do deputado Sabiá fôsse o tema central desta Casa. Nem o deputado Sabiá, nem o nobre colega Salgot Castillon. Não moralizam ou desmoralizam esta Assembléa. O nobre deputado Sabiá só tem um juiz para seus atos, que é a opinião pública. O nobre deputado Sabiá deve ser deixado de lado, adote a diretriz política que bem entender. O povo é que vai julgar, posteriormente. A Assembléa Legislativa de São Paulo, como já disse eu ao nobre Presidente Francisco Franco, e hoje, dentro do Brasil, um Poder que tem uma condição política simplesmente fascinante e extraordinária. O Poder Legislativo de São Paulo poderia pontificar no Brasil de hoje. Infelizmente, o Poder Legislativo de São Paulo quase sempre é omisso. Nos dias amargos, do movimento de 31 de março para cá grandes injustiças se praticaram neste País, e, por mais absurdo que pareça, a voz que mais se levantou nesta Casa para protestar contra essas injustiças foi a voz de uma mulher: a deputada Conceição da Costa Neves. Isso valoriza a mulher de São Paulo e a Assembléa Legislativa. Mas, infelizmente, a maioria dos Srs. deputados, que é constituída esmagadoramente de homens, que são políticos de valor e responsáveis, se omitiu completamente do assunto. Isso é que degrada o Poder Legislativo de São Paulo. Veja o discurso de V. Exa. no dia de hoje. O tema central do discurso é um incidente corriqueiro dos parlamentos, ocorrido ontem com o nobre deputado Sabiá.

O Sr. Salgot Castillon — Não. E' a democracia!

O SR. ORLANDO JURCA — Vamos deixar o Sabiá de lado. Deixem-se as críticas desse tipo. A opinião pública julgará. Ainda quero prosseguir. O jornal "Ultima Hora", de hoje, focaliza que o Superior Tribunal Militar concedeu, por unanimidade, "habeas corpus" em favor de um líder estudantil de São Paulo. Refiro-me a Fuad Daher, estudante que do movimento de 31 de março para cá esteve na cadeia e sofreu as maiores injustiças. Como é que até hoje esta Assembléa ficou calada; jamais protestou contra isso? E esta Assembléa é um poder político? Sr. Presidente, peço a palavra, para reclamação.

O SR. ORLANDO JURCA (Para reclamação.) — Sr. Presidente, solicito a prorrogação dos nossos trabalhos por mais 15 minutos.

O SR. PRESIDENTE — O tempo da presente sessão está praticamente esgotado. Existe sobre a mesa requerimento anterior de autoria do nobre deputado Juvenal de Campos, solicitando prorrogação dos nossos trabalhos por 10 minutos. O pedido encontra guarida no Regimento; ponho em votação. Os Srs. deputados que estiverem de acôrdo queiram permanecer como se encontram. (Pausa.) Aprovado. Continua com a palavra o nobre deputado Salgot Castillon.

O SR. ORLANDO JURCA — V. Exa. permite um novo aparte?

O SR. SALGOT CASTILLON — A nobre deputada Conceição da Costa Neves está esperando para apartear.

O Sr. Orlando Jurca — Nobre, querido amigo, grande deputado Salgot Castillon, vou ser breve. O que aconteceu com o Marçal Teixeira Lott, na Guanabara; faz corar qualquer democracia. No entanto, os pronunciamentos, aqui, sobre aquêle tema e sobre o tema Sebastião Paes de Almeida, são raros. Hoje a "Ultima Hora" também publica um edital magnifico sobre Lott e sua bandeira. E ninguém fala sobre isso. No entanto, o Partido de V. Exa., o partido da eterna vigilância, o esteio da revolução, é hoje um partido que, por expressivas figuras de seus componentes, se bate contra as eleições no Brasil. O jornal "O Estado de São Paulo" que é a diretriz da U.D.N. prega contra as eleições no Brasil. Onde estamos? O "Estado de São Paulo" faz uma campanha subversiva neste País.

E ninguém protesta, ninguém tem o topete de protestar, contra êsse homem. — Esse homem, em qualquer país do mundo, estaria na cadeia como fascista, como elemento subversivo. No entanto, o Sr. Júlio de Mesquita Filho fala as maiores asneiras por jornal de grande divulgação no Brasil, jornal que todo os dias, jornal de tradição que exerce influência. Este homem está no serviço de interesses antipatrióticos. Ninguém protesta contra um homem desses. Se V. Exa. tivesse ido ontem ao Cine "Marrocos", assistir ao documentário sobre a vida e morte do grande Presidente Kennedy, V. Exa. teria visto que se criticava Fidel Castro e outros regimes, que prometeram eleições livres depois da revolução, mas não as deram. Hoje são regimes proscritos, repudiados por todos os democratas. Então por que essa incoerência da UDN, por parte de figuras respeitáveis de seus membros, inclusive pelo homem que dita a sua bíblia em São Paulo? Lá quer eleições, aqui não as quer. Como é que toleramos, no Estado de São Paulo, um homem, a manejar uma pena sem autoridade moral alguma, a insultar esta Casa com editoriais injuriosos?

(São dados apartes anti-regimentais. Tumulto).

O SR. PRESIDENTE (Fazendo soar a campanha.) — Srs. deputados, a Presidência deseja solicitar aos Srs. deputados que, em atenção ao Regimento, só falem mediante aparte concedido pelo orador que está na tribuna, que é o nobre deputado Salgot Castillon.

O SR. SALGOT CASTILLON — Que V. Exa. diga quando "O Estado de São Paulo" foi contra as eleições diretas. Ele tem atacado o Governo da República.

O Sr. Orlando Jurca — O "Estado de São Paulo", por vêzes desce de sua grandeza e revela mentalidade tão taçanha e provinciana, que não publica o nome da nobre deputada Conceição da Costa Neves. Veja que direção de mentalidade estreita e frustrada!

O SR. SALGOT CASTILLON — Há 15 dias que o seu principal editorial é em defesa de escolher o seu candidato à Presidência da República. O que elementos que não tiveram nada com a Revolução de 31 de março — mas que querem nela se encostar — desejam é que o Governador da Guanabara não faça no Brasil as reformas que quer fazer; não querem que faça no Brasil o grande governo que tem feito na Guanabara. E' a êle, é à UDN, não a alguns minotauros divorciados da UDN, que devemos o fato do Governo da República ter recuado. E hoje, devido aos nossos esforços, aos esforços do nosso partido, o povo pode esperar, como está esperando, que em 1966 haja eleição para Presidente da República.

(São dados apartes anti-regimentais).

O SR. SALGOT CASTILLON — Lacerda ganhará. Que venha Juscelino Kubitschek — teremos prazer em derrotá-lo. Lacerda é, como sempre foi, o candidato popular. E' o candidato que diz o que o povo quer ouvir e sente os problemas populares, pois a êles está ligado.

A Sra. Conceição da Costa Neves — V. Exa. permite um aparte? (Assentimento do orador) — Quero felicitar V. Exa. pela coerência. E quem o faz é uma getulista, uma juscelinista de todos os tempos. V. Exa. acaba de fazer a mais autêntica crítica ao seu partido. Quando V. Exa. declarou que o Governador da Guanabara quer eleger-se Presidente da República...

O SR. SALGOT CASTILLON — Quer ser candidato.

A Sra. Conceição da Costa Neves... — para fazer no Brasil as reformas indispensáveis. Mas hoje quem dirige a Nação é a U.D.N., é o partido do governo!

O SR. SALGOT CASTILLON — Ah! Essa não!

A Sra. Conceição da Costa Neves — E' a U.D.N. quem dirige.

(São dados apartes anti-regimentais.)

A Sra. Conceição da Costa Neves — V. Exa. me permite? V. Exa. é Vice-Presidente da Assembléa e me concedeu um aparte. Vai permitir que use o meu tempo?

O SR. SALGOT CASTILLON — V. Exa. me desculpe.

A Sra. Conceição da Costa Neves — Então, V. Exa. faz autêntica crítica ao seu partido que está no governo há dois anos como senhor absoluto. E, se as reformas não são feitas, é por inépcia ou conveniência da U.D.N. Por que, então, querem V. Exas. eleger o Sr. Carlos Lacerda, para que sejam feitas essas reformas quando o governo é udenista? Por isso, estamos vendo o desastre na Nação Brasileira. O deputado Orlando Jurca tem toda a razão quando lembra a V. Exa. o receptáculo do Rio, que é o jornalão da ex-ladeira. E' uma realidade que V. Exas., da U.D.N., não po-

dem contestar em sã consciência: Querem ou não querem os danos desse jornalão a ditadura? Querem. Então, V. Exas., que são os donos do governo, tenham a coragem de ceder e dêem ao povo a possibilidade de decidir nas urnas democráticas. Anulem aquilo que fizeram por "politica", porque foi a declaração do chefe da Casa Civil do Presidente da República, que é eleitor da U.D.N.

O SR. SALGOT CASTILLON — Que não é da U.D.N.

A Sra. Conceição da Costa Neves — V. Exa. dá licença que eu conclua?

O SR. SALGOT CASTILLON — Conclua, desculpe-me.

A Sra. Conceição da Costa Neves — Está desculpada. Veja V. Exa. o governo que aí está, udenista. O Sr. Castello Branco declarou e está escrito, eu tenho e trarei a V. Exa., que êle sempre foi eleitor da U.D.N., mas que, ao assumir a curul presidencial, seria um juiz. Tenho isso escrito, nobre deputado, publicado, e trarei a V. Exa. V. Exa. sempre foi eleitor da U.D.N. Trarei a V. Exa.

O SR. SALGOT CASTILLON — S. Exa. vota bem. S. Exa. não escolheu bem os ministros.

A Sra. Conceição da Costa Neves — Aí está o desastre. Agora, por que V. Exas. não fazem a prova provaca, com as urnas, que é a marca mais positiva da democracia? Façam voltar o Sr. Juscelino Kubitschek com seus direitos.

O SR. SALGOT CASTILLON — Teria imenso gosto.

A Sra. Conceição da Costa Neves — Então, V. Exas. façam isso e vamos ver o que o povo decide.

O SR. SALGOT CASTILLON — Por mim, estou plenamente com V. Exa.

A Sra. Conceição da Costa Neves — V. Exa. dá licença que eu conclua? Isso de mandar, como eu ouvi de um deputado desta Casa, o S. Roberto Campos a Rússia para vender os excedentes de laranjas do Brasil, é brincadeira: porque o Sr. Roberto Campos é um homem que não tem...

O SR. SALGOT CASTILLON — mas não é da U.D.N.

A Sra. Conceição da Costa Neves — Não é da U.D.N., é do governo.

O SR. SALGOT CASTILLON — Está ligado ao P.S.D.

A Sra. Conceição da Costa Neves — E' o homem que está dentro do esquema da U.D.N.

O SR. SALGOT CASTILLON — E' do P.S.D.

A Sra. Conceição da Costa Neves — V. Exa. dá licença que eu conclua? V. Exa. não acharia muito mais simpático e com maior efeito produtivo, até de propaganda do Brasil, que se mandasse para lá Ellis Regina, vender laranjas, ao invés do Sr. Roberto Campos? Não seria muito mais interessante?

O SR. SALGOT CASTILLON — Quem sabe! A simpática Ellis Regina não é do P.S.D.?

A Sra. Conceição da Costa Neves — Quem sabe a simpática Ellis Regina seria capaz de impressionar o povo.

O SR. SALGOT CASTILLON — Deve ser do P.S.D.

(São dados apartes anti-regimentais. O Sr. Presidente faz soar a campanha.)

A Sra. Conceição da Costa Neves — Então, V. Exa., logo no início da sua brilhantíssima exposição, falou pela voz das senhoras esposas dos grandes tubarões de São Paulo, que estão com sua atenção voltada para a Assembléa Legislativa, por causa das verbas. Mas, nobre deputado, até hoje não se tem notícia de que essas senhoras tenham se reunido para ir às favelas e aos hospitais, para irem ver as zonas periféricas da Capital, ou, então, até mesmo, de que elas tenham convocado seus maridos para, nas poucas horas que lhes sobram, verificar como subiu o custo de vida para os trabalhadores, e também para protestar contra a sonegação de impostos. Isso essas senhoras não fazem. O que fazem é, lamentavelmente, servir-se de V. Exa. como se portava-voz, para desfazer da verba...

O SR. SALGOT CASTILLON — Não, nobre deputada; não faiei contra a verba pessoal. O que eu disse é que não será com verba pessoal nem com verba de publicidade que o prestígio da Assembléa Legislativa se levantará. Não será com essas verbas que iremos reconquistar a confiança e a amizade do povo!

A Sra. Conceição da Costa Neves — V. Exa. permite-me concluir?

(São dados apartes anti-regimentais.)